

Diário

SILVANA QUAGLIO

Editora

A ordem é politizar

O comando da campanha de Ciro Gomes já esperava que o tucano José Serra subiria nas pesquisas divulgadas ontem, mas não contava com a queda acentuada do seu candidato. A previsão, agora, é de uma maior politização da campanha. Ou seja, Ciro Gomes tentará mostrar que Serra é o candidato do governo e atacará o que identifica como inconsistências do discurso do candidato tucano.

Superávit maior

E para quem acha que o superávit primário de 3,75% do PIB, previsto no acordo com o FMI, colocará um torniquete apertado na economia, Ciro Gomes tem uma surpresa: acha que esse é o mínimo aceitável para o primeiro ano de governo. O candidato prega um superávit de 4,5% do PIB. Especialmente depois da reunião de seus colaboradores Mangabeira Unger e Walfrido Mares Guia com Guilherme Dias, do Planejamento.

Riscos sob controle

O Chile saiu na frente do Brasil no controle de risco das operações de seguradoras. E uma empresa brasileira, a PR&A, está no consórcio que projetará o modelo que a Superintendência de Valores e Seguros — órgão regulador de lá — usará para padronizar o cálculo de risco. Por aqui, ainda não há um controle sistemático. Há seis meses a legislação determinou apenas os limites de aplicação das reservas técnicas das seguradoras.

Linha cruzada

A Telecom Italia e o Opportunity continuam negociando uma forma de a TIM receber licença nacional. Quem acompanha, dá como certa a saída do grupo italiano do controle da Brasil Telecom, por enquanto a única solução aceita pela Anatel.

Aberto a conversas

O ex-governador Tasso Jereissati convidou, e David Zylbersztajn aceitou, dar sugestões para o setor energético no programa de Ciro Gomes. Aderir à campanha, ele afirma que não aderiu. Zylbersztajn reforça que conversou também com ACM e Aécio Neves. E deu idéias a colaboradores de Lula e de José Serra. E, mesmo assim, com os tucanos eles esteve conversando antes de o governo falar em controlar o preço do gás. Essa conversa ele não topa. (Claudia Schüffner)

Baixando a fervura

Os bancos estrangeiros têm uma boa razão para manter as linhas de crédito para o Brasil. Com o resultado comercial deste ano, o país não precisará de financiamentos extras no ano que vem, diz um analista experiente.

E-mail: silvana.quaglio@valor.com.br